

• Lançamento Programa MAGIS Brasil •

*Deus seja encontrado
em todas as coisas
e todas N'Ele*
Const. 288



Conheça o livro de oração na vida cotidiana para jovens a partir da espiritualidade inaciana.

Acesse e saiba mais:
magisbrasil.com / loyola.com.br

50 ANOS DO SECRETARIADO
DE JUSTIÇA SOCIAL E ECOLOGIA

■ PÁG. 18

PESQUISA DA UNICAP AJUDA A ELIMINAR
MANCHAS PETRÓLEO NO MAR

■ PÁG. 21

PRIMEIRO CONGRESSO DA REDE
JESUÍTA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

■ PÁG. 24



INFORMATIVO DOS
JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 59
ANO 6
OUT-NOV 2019

Emcompanhia



JESUÍTAS E COLABORADORES NO SÍNODO PARA A AMAZÔNIA

Sentindo com a Igreja:
compromisso com o Evangelho inculturado

ESPECIAL PÁG. 12

JUBILEUS

70 ANOS DE COMPANHIA

Em 16 de Novembro
Pe. Miguel Elosúa Rojo

60 ANOS DE COMPANHIA

Em 12 de Novembro
Pe. Domingos Mianulli

AGENDA | NOVEMBRO / DEZEMBRO

20

OFICINA DE EXIBIÇÃO E DISCUSSÃO

Centro de Promoção de Agentes de Transformação (CEPAT)
Tema Documentário Negritude e Branquitude: novos olhares
Local Colégio Estadual Dona Branca do Nascimento Miranda, Curitiba (PR)
Site www.ihu.unisinos.br

21

CURSO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC
Tema Introdução à interpretação Bíblica
Local Centro Loyola de Fé e Cultura PUC -Rio
Site www.clfc.puc-rio.br
Tel. +55 (51) 3591 1122

22

CURSO DE EXTENSÃO

Unisinos
Tema Projeto Coração no Ritmo Certo: uma cidade cardio protegida
Coordenação Rosane Mortari Ciconet e Vania Celina Dezoti Micheletti
Local Unisinos (RS)
Email atendimento@unisinos.br
Tel. +55 (51) 3591-1122

22 A 24

RETIRO PARA LEIGOS

Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI)
Local São Leopoldo (RS)
Orientador Pe. Raniéri Gonçalves, SJ
Site www.cecrei.org.br
Email cecrei@cecrei.org.br
Tel. +55 (51) 3081-4200

23

RETIRO INACIANO DE PREPARAÇÃO PARA O NATAL

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Orientadores Equipe de leigos do Centro Loyola
Local Centro Loyola de Fé e Cultura PUC-Rio
Site www.clfc.puc-rio.br
Tel. +55 (21) 3527-2012

7 E 8

TRILHA INACIANA

MAGIS Brasil
Local Feira de Santana (BA)
Site magisbrasil.com
Inscrições espacomagisfsa@gmail.com

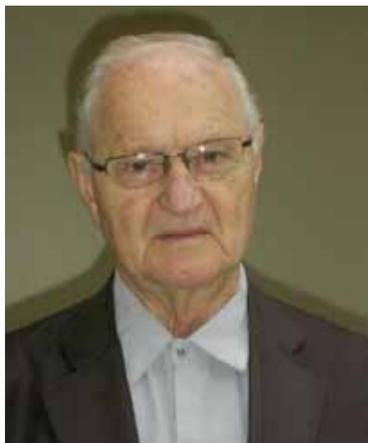
Somos
Um

COLABORAR PARA
TRANSFORMAR

Você sabia que
pode destinar parte
do seu Imposto
de Renda e fazer
a diferença?

Para transformar a realidade
de milhares de crianças,
jovens e adultos atendidos
pela **Fundação Fé e Alegria**,
contamos com a sua ajuda.





NA PAZ DO SENHOR IR. JACOB ARSÊNIO RECH

Por Pe. Inácio Spohr

Sul (RS). De 1951 a 1957, encontramos o Ir. Jacó no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, onde teve a padaria como seu lugar principal de trabalho. Tinha a seu cargo, também, o moinho que era usado para descascar arroz e outros produtos. Naqueles anos, o Colégio Santo Inácio, no Kappesberg, estava cheio de seminaristas, cerca de 260, sem falar dos padres, irmãos e “fratres”. Em 1958 e 1959, o Ir. Jacó esteve em Pareci Novo como padeiro e moleiro.

“ O IR. JACOB FOI UM BOM RELIGIOSO, ZELOSO, TRABALHADOR DEDICADO, FIEL, COMPETENTE, DISPONÍVEL, BOM COMPANHEIRO, ABERTO PARA INICIATIVAS. DE UM MODO GERAL, SILENCIOSO, MAS VALENTE NO TRABALHO.”

De 1960 a 1973, o Colégio Cristo Rei acolheu o Ir. Jacó como padeiro, adegueiro e torrefador de café. Certamente, o ofício de padeiro era exigente, pois havia mais de 200 comensais a serem alimen-

tados diariamente, incluindo padres, irmãos, escolásticos e afonsinos. Mas o Ir. Jacó era experiente e dava conta com a ajuda dos afonsinos.

Novamente, esteve no Colégio Santo Inácio, dos anos 1974 até 2012, em Salvador do Sul. Desde 1981 a 1993, foi o encarregado da venda de ovos em São Leopoldo, cuja produção vinha do Colégio Santo Inácio. Para atender tal finalidade, morava no Colégio Cristo Rei durante a semana e, nos finais de semana, voltava para o Colégio Santo Inácio.

Em 2002, assumiu o ofício de apicultor, além dos outros que já vinha exercendo. Desde 2006, era também encarregado da criação do gado de corte.

Uma das ocupações prediletas do Ir. Jacob foi a pesca. Frequentemente, pescava na Lagoa dos Patos ou em algum rio, junto com alguns companheiros. Para isso, preparava, com antecedência, todo o material necessário.

O Ir. Jacob foi um bom religioso, zeloso, trabalhador dedicado, fiel, competente, disponível, bom companheiro, aberto para iniciativas. De um modo geral, silencioso, mas valente no trabalho. Destacou-se, em sua vida na Companhia de Jesus, nos ofícios de padeiro e confeitoiro, adegueiro, cozinheiro, avicultor, torrefador de café, silvicultor, criador de gado, motorista e pescador. Todo o trabalho que lhe encomendavam, fazia com dedicação.

Os últimos anos do Ir. Jacó Rech foram vividos na Comunidade Conceição, junto à Unisinos, em São Leopoldo, vizinha da Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José. Lá, ele trabalhava, cuidava da saúde e rezava pela Igreja e pela Companhia. ■

irmão Jacob Arsênio Rech, conhecido como Jacó Rech, nasceu em Harmonia (RS), em 23 de outubro de 1927. Seu pai chamava-se Guilherme Rech e a mãe, Guilhermina Leindecker.

Jacó ingressou na Companhia de Jesus, em Pareci Novo (RS), dia 23 de dezembro de 1944, e teve o Pe. Léo Kohler como mestre de noviços. Emitiu os votos do biênio dia 9 de fevereiro de 1947. Em 1958, fez sua Terceira Provação, também em Pareci, sendo o Pe. José Gerster o instrutor. Foi incorporado definitivamente na Companhia de Jesus como irmão coadjutor em 2 de fevereiro de 1959.

As atividades do Ir. Jacó foram diversas, distinguiu-se como padeiro em diversas de nossas casas: no Colégio São José, em Pareci Novo, no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo (RS) e no Colégio Santo Inácio, em Salvador do

É muito fácil colaborar.

Colabore fazendo a destinação de até 6% do seu Imposto de Renda. Você também pode fazer uma doação direta.

É assim que construímos um mundo mais justo e repleto de oportunidades para quem tanto precisa.



Saiba mais e doe agora:
fealegria.abraceumacausa.com.br



DIA DE DOAR
3 DE DEZEMBRO DE 2019



IHS JESUÍTAS BRASIL

SUMÁRIO

EDIÇÃO 59 | ANO 6 | MÊS OUT/NOV

6

EDITORIAL

- O Sínodo para a Amazônia no horizonte do Vaticano II
Pe. José Ivo Follmann, SJ

7

CALENDÁRIO LITÚRGICO

8

ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO

- Ser moldado pelas mãos do Senhor
Ir. Lucemberg de Oliveira Lima, SJ

10

O MINISTÉRIO DE UNIDADE NA IGREJA + SANTA SÉ

- Cristãos e Sikhs juntos pela fraternidade humana

12

ESPECIAL

- Experiência, vivência e anúncio do Evangelho no cuidado da Casa Comum

18

MUNDO + CÚRIA

- 50 anos do Secretariado de Justiça Social e Ecologia
- Programa de Liderança Discernida

19

AMÉRICA LATINA + CPAL

- Com rosto e coração amazônicos
- Encontro do Eixo Justiça Socioambiental e Bem Viver da REPAM
- "The Economist" e os desafios da Igreja Pan-amazônica
- Visita da Dra. Nicole Pierrard da Javeriana – Cali

21

PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

- Unicap desenvolve projeto para eliminar manchas de petróleo do mar
- IV Semana de Estudos Amazônicos



Bispos e cardeais em sessão no Sínodo para a Amazônia

PRIMEIRO CONGRESSO DA RJE



De 2 a 5 de outubro, foi realizado o 1º Congresso da Rede Jesuíta de Educação (RJE) / 6º Congresso Inaciano de Educação, no Colégio São Luís na cidade de São Paulo (SP), com objetivo de ampliar a discussão sobre a educação para a cidadania global. O evento marcou os cinco anos da Rede e foi um grande momento de partilhas.

O foco do Congresso foi a apresentação de algumas das iniciativas desenvolvidas nesses cinco anos de rede: o programa de Formação Continuada, o concurso de Redação e Arte e o Encontro de Formação Integral (EFI). Além dessas, também foram compartilhadas, por meio de oficinas, as experiências inovadoras inspiradas pelo PEC (Projeto Educativo Comum) – documento norteador da RJE que, neste ano, completou três anos.

A Rede apresentou, para os mais de 330 congressistas, o resultado dos cursos desenvolvidos em parceria com a UNISINOS, que fazem parte do programa Formação Continuada da Rede. Boa parte dos convidados para as mesas-redondas foram mestres recém-formados do Mestrado Profissional em Gestão Educacional e os pôsteres apresentados são trabalhos de pesquisa realizados na especialização em Educação Jesuíta.

A escolha dos palestrantes reforçou o tema da cidadania global: Pe. José Alberto Mesa, Secretário Mundial para a Educação Básica da Companhia de Jesus,

discursou sobre educação jesuíta para a cidadania global; Prof. Fernando Reimers, da Fundação Ford de Prática em Educação Internacional e do Programa de Política de Educação Internacional da Universidade de Harvard, ministrou a palestra sobre Desafios e Práticas Inovadoras em Educação para a Cidadania; Profª. Dra. Bernardete Gatti discutiu a educação para a cidadania global na formação de professores; e Pe. Luiz Fernando Klein, Delegado para a Educação da Conferência de Provinciais na América Latina e Caribe (CPAL), mediu a mesa de reflexão A promoção de uma educação para a Cidadania Global – Traçando rotas. ■

Transformar os estudantes em protagonistas no processo de aprendizagem é um desafio assumido pela RJE. Nos dias do Congresso, eles foram vistos como participantes ativos: assistindo às palestras, compondo uma mesa-redonda, participando e apresentando oficinas. Um fato que marcou a presença deles no evento foi a produção de um vídeo resumo sobre o congresso, feito por um comitê de imprensa formado por seis estudantes das unidades do Colégio São Luís e do Colégio São Francisco Xavier. A apresentação do vídeo aconteceu depois de um discurso tocante e emocionado, feito pelos estudantes, para todos os congressistas.

O vídeo pode ser visto em:
http://bit.ly/video_estudantes



Todas as palestras estão no canal do Youtube da Rede, no link:
http://bit.ly/playlist_palestras

tualidade Inaciana, para que os leigos já iniciados pudessem realizar um bem na Igreja de Goiânia.

A obra da Companhia de Jesus tem como missão a promoção do diálogo entre a fé cristã e a cultura contemporânea à luz da Espiritualidade Inaciana. Inspirado no apelo da Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho* e nos desafios do mundo atual, o Centro Loyola oferece um lugar privilegiado para uma nova evangelização por meio de um espaço de acolhida, de reflexão, oração e comunidade com características inovadoras, atraentes e significativas para as populações urbanas. Nos últimos três anos, mais de 7.240 pessoas se envolveram com atividades no Centro Loyola.

O calendário de atividades do Centro Loyola de Fé, Cultura e Espiritualidade de Goiânia incentiva a prática dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola e promove jornadas teológicas, formação humano-espiritual, diálogos culturais, manhãs de oração e espiritualidade, rodas de conversa, oficinas de literatura e transcendência, meditação cristã, exposições de arte, Cine Fórum, acompanhamento espiritual para leigos e religiosas, aconselhamento pastoral e espiritual, entre outros. Todas as atividades realizadas, dentro e fora do espaço do centro, têm em vista a formação dos leigos para que sejam sal, luz e fermento na Igreja e na Sociedade.

É importante dizer que o Centro Loyola não se esgota nas atividades previstas no calendário, porque ele é feito de pessoas e das dinâmicas dos encontros: Ele é feito de pessoas que se comprometeram com uma causa comum, com uma Missão a partir das pegadas e dos sonhos de um grande homem - Inácio de Loyola; pessoas que se querem bem, que gostam de se encontrar, partilhar a vida, afetos, cultura, desafios, dores, saberes e cuidar uns dos outros. ■

Fontes: Maria das Dores Carvalho, coordenadora do Centro Loyola, e Maria Teresa Lousa Fonseca, professora aposentada e assessora do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás.

“Como testemunha da identidade e atuações do Centro Loyola desde o seu início e, como colaboradora por vários anos, assim defino e descrevo a coordenação, os colaboradores e as atividades do Centro Loyola: é um oásis de escuta contemplativa, profunda, fecunda e revigoradora.

Inegavelmente, o Centro Loyola de Goiânia é um viveiro de: fé e espiritualidade cristãs na ótica de Santo Inácio de Loyola; relações humanas e humanizadoras; justiça e paz corresponsáveis pelo bem comum de todos; referência de cultivo intelecto-psico-espiritual; serviço na mística do “Lava-pés”; discernimento do essencial para o seguimento a Jesus Cristo; acompanhamento espiritual para leigos(as) e religiosos(as); cultivo e resgate da esperança cristã e do sentido de vida; além de promoção e celebração do belo litúrgico e artístico.”

Ir. Teresinha Mendonça Del’Acqua, OSF

“Trazer e fazer Arte dentro do Espaço Loyola, para mim foi surpreendente, pois me deparei com pessoas com emoções em todos os seus sentidos.

Arte só por arte, sem tocar pessoas, sem comunicar com quem olha, não tem sentido. (...) trabalho em espaços onde me dão a oportunidade de reflexão psico/analítica, e o Centro Loyola me deu essa abertura. (...) O Respeito e amor com meu trabalho e as reflexões sobre o tema, foi para mim assombrosamente maravilhosos! Muito Obrigada!”

Lilian Goulart, artista visual, especialista em arteterapia

“Companhia de Jesus, obrigado pelo Centro Loyola de Goiânia. Que ele possa continuar dando sua valorosa contribuição na sua caminhada e fortalecer ainda mais a espiritualidade inaciana denunciando e anunciando através do Evangelho, sendo sal, fermento e luz aqui nesse imenso Centro-Oeste do Brasil, intervindo num cenário com tanta desigualdade social em que cada vez mais aumenta o número de excluídos nesse país.”

Francisco Leal, professor da rede estadual



23 DIÁLOGO CULTURAL E RELIGIOSO

- Centro Loyola de Goiânia completa 15 anos



Celebração da Eucaristia com o Pe. José Abel de Sousa, SJ

25 EDUCAÇÃO

- Primeiro Congresso da RJE

26 NA PAZ DO SENHOR

- Ir. Jacob Arsênio Rech

27 JUBILEUS / AGENDA

EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA
noticias@jesuitasbrasil.com
www.jesuitasbrasil.com

DIRETOR EDITORIAL
Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Sílvia Lenzi (MTB: 16.021)

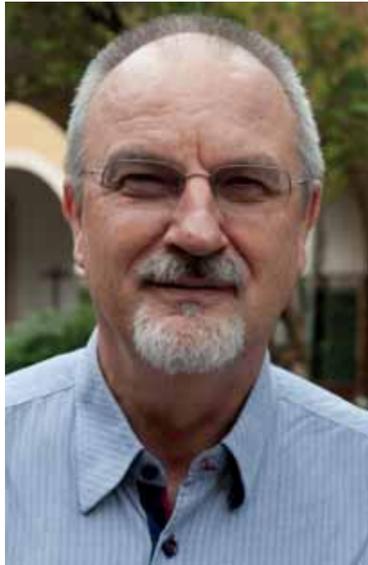
REDAÇÃO
Maria Eugênia Silva
Sílvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS
Érica Rodrigues e Clara Silva

ESTAGIÁRIO
Wellerson Soares

COLABORADORES DA 58ª EDIÇÃO
Renan Wermelinger, Daiane Carvalho, Pe. Valério Sartor, SJ e Ana Ziccardi (revisão). Um agradecimento especial a todos que colaboraram com a matéria especial desta edição.

TRADUÇÃO
Pe. José Luis Fuentes Rodriguez



Pe. José Ivo Follmann, SJ
Secretário para a Justiça
Socioambiental da Província dos
Jesuítas do Brasil

O SÍNODO PARA A AMAZÔNIA NO HORIZONTE DO VATICANO II

çando-se sobre textos e documentos de trabalho recolhidos de um processo intenso de reflexão coletiva, que durou quase dois anos, envolvendo, segundo relato da Rede Eclesial Pan Amazônica - REPAM, cerca de 87.000 pessoas.

Este Sínodo é o “filho mais novo do Concílio Vaticano II”. Uma contribuição ímpar para a Igreja, apontando o caminho da *sinodalidade* na Igreja, que deve ser aprofundada. Foi um grande *kayrós* vivido pela Igreja! Um avanço sem igual neste tempo pós-conciliar. Um avanço concreto, dentro de uma região com características muito genuínas e próprias, com desafios tremendos para a humanidade como um todo: a região da Amazônia.

Amparada em laudos técnicos e científicos, mas, sobretudo, sensível aos clamores da região e compassiva com a vida em todas as suas manifestações e com os povos que fazem história naquele contexto, a Igreja levantou a voz como um alerta profético para a humanidade. Foram revigorados, assim, posicionamentos já muito presentes em falas e apelos dos últimos Papas da Igreja, desde São Paulo VI.

O Sínodo mostrou problemas e apelou para soluções. Denunciou desmandos e irresponsabilidades ecodidas e genocidas. Apelou para uma *conversão ecológica e social*. Em termos de fidelidade ao seguimento cristão, alertou para

a existência do “*pecado ecológico*”.

O Sínodo orientou-se, sobretudo, pela *conversão cultural*, pela busca do “*rostro amazônico*” de uma Igreja que seja missionária segundo o espírito de Jesus que se encarnou neste mundo. Foi um apelo para termos a humildade de aprender verdadeiramente do outro. Sinalizou, inclusive, para a instituição de um “*rito amazônico*”. Reconheceu os erros e limitações pastorais que acompanharam a história da Igreja no contexto Amazônico.

Apelou para uma *conversão pastoral*. Sinalizou a urgência de passar de um modelo de “*pastoral de visita*” para uma “*pastoral de presença*” junto às comunidades no contexto amazônico. Propôs medidas concretas nesse sentido. Reconheceu o grande papel exercido pelas mulheres na Igreja, destacando o seu grande significado e importância em toda a vida da Igreja e a valorização de seu protagonismo na liderança das comunidades. Propôs medidas concretas para garantir mais valorização da sensibilidade feminina na dinamização da sinodalidade da Igreja.

Renovou com vigor o posicionamento do Concílio Vaticano II, retomando a frase: “*as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de todos, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo*”. (cf. G.S. I) ■

“**F**lor espontânea de uma inesperada primavera”, o Concílio Vaticano II (1962-1965) fez a Igreja viver “*um novo Pentecostes*”. São expressões presentes no texto que introduz o Compêndio dos Documentos Conciliares. Nelas, expressa-se bem o que aquele evento desencadeou: um processo de mudanças de Igreja, dentro da mudança de época, que marca a humanidade nas últimas décadas. Depois da conclusão do Vaticano II, já vivemos uma longa história de mais de meio século.

O Sínodo para a Amazônia finalizou a sua Assembleia Especial em Roma, no dia 27 de outubro de 2019. Inicia-se, agora, a fase *pós-sinodal*. É a fase de colocar em prática o que foi construído coletivamente e que será, oficialmente, orientado. É a fase de prosseguir no aprofundamento das escutas recíprocas e dos diálogos. Tempo de assimilação e de oração, em um permanente processo de discernimento e de **conversão integral**. Ou seja: uma conversão que impregne todas as dimensões de nosso viver.

A Assembleia final reuniu em torno de 250 participantes sinodais, debru-

CENTRO LOYOLA DE GOIÂNIA COMPLETA 15 ANOS



Em ocasião da comemoração dos 15 anos do Centro Loyola de Fé, Cultura e Espiritualidade de Goiânia (GO), recordamos um pouco da história dessa obra e reunimos alguns depoimentos de seus colaboradores e beneficiários.

O Centro teve sua fundação no dia 16 de outubro de 2004. O espaço, antiga residência das Irmãs Filhas de Jesus, foi uma doação da Congregação à Companhia de Jesus por solicitação da irmã Amarilis Dumont, coordenadora de dois grupos CVX (Comunidade de Vida Cristã) – Grupo Imaculada e Grupo Santo Inácio. O grande desejo da Irmã Amarilis era a continuidade de uma obra de evangelização na perspectiva da espiri-

“É com alegria e emoção que escrevo esta pequena mensagem para a comunidade Centro Loyola. Não tenho algo de especial para vos dizer. Dirijo-me a vós, irmãos e irmãs de espiritualidade, irmãos de bom coração, para agradecer pelo fato de terem doado, a mim, o que de precioso o goiano tem: carinho. A minha inserção foi facilitada com o vosso contributo. Vocês doaram o que de sagrado vocês tem, espaço de residência, espaços de reflexão da vida humana - que foram alicerces da minha formação acadêmica e afetiva.

A Comunidade Centro Loyola, de mãos abertas, acolheu-me. Aí, o meu motivo de agradecimento. Disponibilizou-me espaço e seus corações e, deles colhi afeto e companhia nos momentos de solidão. Para gesto de tamanha nobreza, não há palavras suficientes para descrição da alegria que contagia o meu corpo. O sorriso estampado nos meus olhos, é o testemunho vivo.”

Ernesto Jorge Macaringue

IV SEMANA DE ESTUDOS AMAZÔNICOS



Entre os dias 29 de outubro e 1 de novembro, ocorreu a IV Semana de Estudos Amazônicos (SEMEA), em Belo Horizonte (MG). Anual e itinerante, a SEMEA é promovida pela Província dos Jesuítas do Brasil por meio do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA) e demais centros sociais vinculados à Preferência Apostólica Amazônia, em parceria com a Rede Eclesial Pan-amazônica (REPAM). O evento tem como objetivo construir um espaço de troca entre saberes científicos e saberes das populações tradicionais, buscando sensibilizar a sociedade civil

não amazônica para a importância da defesa dos povos da região e da biodiversidade da floresta.

“É um evento diferente do que estamos acostumados, academicamente. Não queremos falar sobre as populações tradicionais ou sobre a importância da Amazônia. Queremos falar com essas pessoas, aprender com elas”, destacou Luiz Felipe Lacerda, secretário-executivo do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA) e coordenador da IV SEMEA.

Segundo Luiz Felipe, uma das principais conclusões construídas no decorrer da semana foi a de que é preciso des-

colonizar a ciência. O alerta vale para mestres, doutores, acadêmicos e pesquisadores, de forma geral. “Precisamos de uma transformação radical. Nossos artigos estão aprisionados num sistema de publicações – vivemos a escravidão do Lattes –, depois vão direto para gaveta e ninguém lê. Essa ciência não serve mais”, apontou o secretário. Ele ressaltou ainda que o principal é garantir voz e espaço aos indígenas, aos quilombolas, às populações tradicionais, aos moradores de rua e a todos que tiveram esses direitos negados historicamente.

As atividades do SEMEA envolveram a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), a Faculdade de Direito Dom Helder Câmara, o Centro Loyola, o Colégio Loyola e a Paróquia São Francisco Xavier, e compuseram o primeiro evento pós-sínodo da Amazônia no Brasil, contando, inclusive, com convidados vindo diretamente de Roma (Itália). Ao longo dessas quatro edições, a SEMEA já se consolidou como o maior evento acadêmico sobre a Amazônia fora do território amazônico e, em 2020, acontecerá no Centro Universitário FEI, em São Paulo. ■

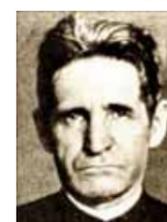
Fonte: Dom Total/OLMA



CALENDÁRIO LITÚRGICO PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

NOVEMBRO

DIA 3



Beato Roberto Mayer

DIA 5

Todos os santos da Companhia de Jesus

DIA 6

Todos os falecidos da Companhia de Jesus

DIA 13



Santo Estanislau Kostka

DIA 14



São José Pignatelli

DIA 19



São Roque, Santo Afonso e São João del Castillo

DIA 23



Beato Miguel Agostinho Pró

DIA 26



São João Berchmans

DIA 29



Beato Bernardo Francisco Hoyos



Ir. Lucemberg de Oliveira Lima, SJ

SER MOLDADO PELAS MÃOS DO SENHOR

Em entrevista ao *Em Companhia*, além de lembrar os quase 20 anos de vida como jesuíta, Ir. Lucemberg de Oliveira Lima agradeceu a oportunidade de “olhar para tudo e rever tantas pessoas que, ao longo deste peregrinar, são presenças reais do Cristo Ressuscitado”. Conhecido como Ir. Beguinho, ele acrescentou: “Se tivesse de colocar apenas os nomes de tantas mulheres e tantos homens que contribuíram para minha formação e vocação, eles viriam como créditos de um longa-metragem. Assim, na certeza de que nossos encontros nos uniram, fizeram-nos mais, levo-os comigo em oração e confio um pedido a cada um deles: que diariamente eu possa entregar-me inteiramente à vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo! Que assim seja!”

► Conte-nos um pouco da sua história de vida e como conheceu a Companhia de Jesus.

Meu pai, Francisco, nasceu no sertão do Ceará e depois mudou-se com a família para Goiânia (GO). Minha mãe, Agda, nasceu em São Desidério (BA) e, ao viajar para Goiânia, conheceu meu pai. Dessa história, nasceram meu irmão Luciano e eu.

Durante 24 anos, vivi em um bairro da periferia de Goiânia (Balneário Meia Ponte), distante do centro da cidade e de muitas coisas, inclusive do clero. Entretanto, era uma comunidade contagiante, alegre e muito atuante, tendo como padroeiro São Luís Gonzaga. Por algum tempo, tivemos a presença de padres jesuítas, como Pe. Luis González-Quevedo (Pe. Quevedinho), Pe. Albano Trinks e Pe. Roberto Albuquerque, entre outros, que marcaram positivamente nossa história. A comunidade era marcada pela Teologia da Libertação e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB).

Para mim, a vida começou cedo. Aos dez anos, tive meu primeiro trabalho, numa feira, aos sábados e domingos. Com 12 anos, tive minha carteira de trabalho assinada. Muitas experiências, até chegar numa empresa de imagem e som, onde comecei a paixão pela fotografia.

Com apenas 14 anos, trabalhando e participando ativamente na comunidade, tive a alegria de conhecer a extinta CAJU (Casa da Juventude Padre Burnier). Um lugar que foi importante na minha vida e na de tantos outros jovens que nela receberam formação. Graças à missão dos jesuítas ali realizada, hoje, estou na Companhia de Jesus.

► Quais as experiências mais marcantes o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?

Destaco três momentos marcantes desse período: o Noviciado, o processo de discernimento para ser Irmão e a Terceira Provação.

Lembro-me do Pe. Luiz Antonio

Monnerat (Toninho) abrindo as portas do Noviciado, às 5h30, para me receber. Também tenho bem presente que, naquela época, eu era puro voluntarismo, com desejo de praticar o bem, mas cheio de afetos desordenados. Aos poucos, os momentos de oração pessoal e comunitária, a orientação espiritual, a celebração da Eucaristia, a vivência da Reconciliação, a partilha e convivência fraterna com os companheiros de formação, tudo foi aproximando-me do nosso Mestre e Senhor. A formação me ajudou a perceber mais a presença e a ação de Deus em todas as coisas.

► Como foi o seu processo de discernimento para ser Irmão jesuíta?

Por meio do processo de discernimento, foi possível resgatar partes da minha história na Companhia de Jesus, que me orientaram até aquele momento. Ao contemplar os anos de formação na vida religiosa, desde a Comunidade Vocacional, e, de maneira singular, durante o

UNICAP: PROJETO AJUDA A ELIMINAR MANCHAS DE PETRÓLEO DO MAR

Um projeto desenvolvido por alunos da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) em conjunto com a engenheira química e professora da instituição, Leonie Sarubbo, está sendo adaptado para ajudar na eliminação das manchas de petróleo que vêm aparecendo no litoral do Nordeste brasileiro, nos últimos meses.

Vencedor da 8ª edição do Prêmio Odebrecht para o Desenvolvimento Sustentável, em 2015, o projeto criou um biodetergente capaz de eliminar as manchas de petróleo. Inicialmente, a pesquisa foi desenvolvida para agir em um óleo mais fluido, diferente do que está sendo encontrado nas praias do litoral nordestino. Mas, agora, o projeto está sendo adaptado em uma tentativa de combater a ameaça atual. “No caso do petróleo que está chegando ao nosso litoral, ele tem características mais com-

plexas. É um óleo denso, um óleo bem viscoso. Um petróleo realmente pesado. Nós estamos trabalhando em cima de soluções que possam tratar esse óleo. Se ele é mais fluido, é mais fácil de ser tratado”, explicou a Leonie.

Ainda segundo a professora da Unicap, um outro fator que dificulta a retirada do óleo é o tempo em que ele permaneceu no mar. “Quanto mais tempo o óleo fica em contato com a água, quanto mais horas vão passando, a remoção torna-se mais difícil porque ele vai se concentrando mais. Então, qualquer ação de remoção por barreira física, por dispersante, tudo isso vai sendo dificultado”, ela ressaltou.

O BIODETERGENTE

Criado a partir de uma levedura (fungo), a *Candida bombicola*, o biode-

tergente pode ser utilizado de duas formas: colocado em volta da mancha de óleo, criando, assim, uma barreira para impedir a dispersão da substância; ou depositado diretamente sobre o óleo, possibilitando a degradação por micro-organismos existentes no mar.

O produto, feito a partir de substâncias atóxicas e biodegradáveis, já estará pronto para uso em poucas semanas. Entretanto, segundo a professora Leonie, para que seja produzido em maior escala e atenda à atual demanda do Nordeste, é necessário conseguir verba para o projeto, que envolve uma equipe de, aproximadamente, 15 pesquisadores da Unicap. ■

Fontes: Unicap / *Jornal do Commercio* (Pernambuco)



Foto: Bruno Campos, JC

ENCONTRO DO EIXO JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL E BEM VIVER DA REPAM

Entre os dias 26 e 29 de setembro, foi realizado mais um encontro do Eixo Justiça Socioambiental da REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônica), em Cobija (Bolívia). Com mais de 45 participantes, o evento teve por objetivo reunir representantes de entidades

e instituições localizadas nessa região da fronteira (Brasil-Peru-Bolívia) que atuam com projetos socioprodutivos e econômicos alternativos ao sistema neoliberal capitalista.

O encontro teve dois momentos principais: o primeiro foi a Aula Viva,

sob a coordenação da FUCAI (Fundação Caminhos de Identidade) e do padre jesuíta Valério Sartor, em que se analisou a realidade da escassez e da abundância em múltiplos sentidos. Em seguida, houve troca de sementes e seu plantio, concluindo-se com a cozinha nativa. O segundo foi a socialização das experiências dos presentes, um espaço de estudo do Instrumento Laboris do Sínodo sobre a Amazônia, e concluído com a definição de ações estratégicas de continuidade do Eixo. Foi um ato importante para seguir tecendo redes consistentes no processo da REPAM. ■

“THE ECONOMIST” E OS DESAFIOS DA IGREJA PAN-AMAZÔNICA

De 15 a 19 de outubro, a jornalista Sarah Maslin, da revista britânica The Economist, visitou a região da tríplex fronteira para fazer uma reportagem sobre os desafios da Igreja Pan-amazônica, tendo em vista o

Sínodo sobre a Amazônia, realizado entre os dias 6 e 27 de outubro em Roma.

Acompanhada pelo padre jesuíta Valério Sartor, a jornalista Sarah Maslin entrevistou religiosos, leigos e indígenas do Brasil e da Colômbia, entre outros. Ela

participou ainda de uma missa na comunidade de Nazareth (Leticia/Colômbia). ■

Acesse a reportagem da revista The Economist pelo link: <https://econ.st/2rrZP7Y>

VISITA DA DRA. NICOLE PIERRARD DA JAVERIANA – CALI

Professora e bióloga da Pontifícia Universidad Javeriana – Cali (Colômbia), Dra. Nicole Pierrard, visitou o Serviço Jesuíta Pan-Amazônico (SJPAM) para conhecer o trabalho realizado e conversar sobre possíveis ações a serem desenvolvidas em

conjunto na Amazônia. O padre jesuíta Valério Sartor acompanhou-a em um roteiro de visitas ao Centro de Investigação-SINCHI, à Universidade Nacional da Colômbia-UNAL (Leticia/Colômbia) e ao Projeto da Fundação Chagra Selva (Puerto Nariño/Colômbia), no qual se trabalha

com sistemas agroflorestais e soberania alimentar. Nicole teve a oportunidade de conversar com representantes das entidades no intuito de vislumbrar possíveis aportes acadêmicos da Universidade e/ou relações de parcerias que possam ser construídas entre as instituições. ■

Noviciado, pude perceber por que ainda não tinha liberdade suficiente para me colocar diante do Senhor e perguntar-Lhe, em oração, como podia melhor servi-Lo. Ao longo daquelas re-descobertas – já que alguns fatos foram esquecidos –, algo que, especialmente, chamou minha atenção foi recordar uma orientação da Companhia, presente nas Constituições, para aquele que nela pretende ingressar como indiferente: “Mas, abrindo-se a uma total humildade e a uma completa obediência, deve deixar inteiramente o cuidado de si mesmo, quanto ao ofício ou estado para que for escolhido, a seu Criador e Senhor, e em seu nome, e por seu divino amor e reverência, à Companhia ou ao Superior que então a governa” (Constituições nº 130).

Então, no último ano de Filosofia, ao contemplar os dons a mim confiados, senti uma profunda alegria, que ainda perdura, e junto a esse sentimento de consolação, que é pura generosidade divina para comigo, surgiu um sentimento de responsabilidade a exigir de mim um agir motivado pelo *magis*. Por causa desse sentimento, que me impulsiona ao maior serviço e amor, é que me sinto chamado a viver na Companhia como Irmão Jesuíta.

► E como foi a experiência da Terceira Provação?

O período entre o receber a destinação para realizar a Terceira Provação e o final daquela experiência seria suficiente para escrever, ao menos, um livro. Um breve resumo desse livro poderia ser assim:

Primeiro Capítulo: O tumor

O processo do visto para Espanha, onde eu faria a experiência, requeria um atestado médico. Ao realizar os exames, descobri-se que eu tinha um tumor no intestino grosso. Com isso, o processo da Terceira Provação foi interrompido e deu-se início ao tratamento. Graças a Deus, foi possível realizar uma cirurgia para retirar o tumor.

Segundo Capítulo: O medo

Conviver com a ideia de que o tumor poderia voltar e a possibilidade de ter de seguir com tratamentos mais invasivos, causava-me muito medo.

Terceiro Capítulo: Resignificado, reforma de vida

A experiência da Terceira Provação em que tive a graça de ter como mestre o Padre Benjamín G. Buelta, SJ. Neste ponto, peço licença para reescrever uma partilha dessa experiência:

Cheguei a Havana (Cuba), em 10 de agosto, e logo fui para a Residência do Centro de Espiritualidade Pe. Pedro Arrupe. Ali, fui acolhido pelo instrutor da Terceira Provação, Pe. Benjamín, e pelos padres Óscar (Oscarito) e Claudio Paul. Entre tantas experiências marcantes, cito o trabalho voluntário (pastoral) na obra “Edad de Oro”. Lugar de encontro com nosso Senhor, que se revela naquelas pequenas que vivem em condições mínimas de sobrevivência.

Nos dias que antecederam os E.E., na certeza de que seria um tempo de profundo encontro com nosso Criador, pedia que Ele me desse a graça de entrar naquela experiência com muita liberdade diante de mim mesmo e que, assim como Santo Inácio, me deixasse conduzir e ser moldado pelas mãos de nosso Senhor, para, desse modo, a Ele confirmar essa entrega, escolhendo o que Ele quisesse para mim. Tudo isso com muito “ânimo e generosidade”.

Com esse desejo e motivação, entrei no retiro e fui ao encontro do Pai Misericordioso que, sem reservas, revelou-me o seu Amor inefável. Aqui, também, Ele me foi conduzindo por caminhos já conhecidos, mas para os quais eu olhava, então, com um novo prisma, novas cores e sentidos mais amplos. Assim, fui preparando meu coração para, mais uma vez, confirmar-Lhe a minha entrega: uma doação incondicional e pronta para ir ao encontro dos outros e falar-lhes da Boa Nova – Cristo está vivo e vive entre nós!

► Como surgiu o interesse pela produção audiovisual?

Meu primeiro contato acadêmico com essa área foi no Juniorado (em João Pessoa/PB). Em seguida, durante a Filosofia, no Curso de Teoria da Comunicação, pude realizar os primeiros documentários. Mas foi no tempo em que estive no Anchieta num, como administrador desse Centro de Juventude, que realizei o curso Técnico em Direção de Cinema.

Ao retornar ao Brasil após a Terceira Provação, em meados de 2017, fui destinado para trabalhar no setor de Comunicação do Colégio Antônio Vieira, em Salvador (BA). No final do mesmo ano, recebi uma nova destinação: integrar a equipe de Comunicação da Província. Oportunidade incrível para conhecer a vida de tantos companheiros jesuítas, presentes nos mais diversos apostolados e regiões do País. Dentre as matérias produzidas, editávamos os vídeos das *playlists*: “CAMINHO DA GENTE”, “HOMENS DE FROTARIA”, “CORPO EM DIÁLOGO”. Cada vídeo era uma imersão na vida e missão dos jesuítas e leigos espalhados por este Brasil – verdadeiro encontro com o Cristo encarnado.

Hoje, divido o tempo como ministro da Residência São Luís (SP) e na Comunicação do Pateo do Collegio – obra que compreende o “Pateo do Collegio”, Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e do Projeto OCA (ambos em Embu das Artes/SP). Cuidar da comunicação de uma obra onde os primeiros jesuítas edificaram a nossa missão é estar em constante contato com nossa história, com os desafios daquela época e de hoje. Em cada tijolo e em cada grão de areia – que, diariamente, vejo desprender-se da parede de Taipa – permanece viva a missão dos primeiros Companheiros. Neles, encontro a certeza de que nosso Senhor nos interpela a imprimirmos o *magis* naquilo que fazemos, pois é ali que Ele deseja que estejamos, é ali que Ele se faz presente por meio de nós. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 65/Out 2019)

Acesse www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia e leia a íntegra desta e de outras edições.

CRISTÃOS E SIKHS JUNTOS PELA FRATERNIDADE HUMANA

Foto: LObservatoreRomano



“Uma importante contribuição para aprofundar o conhecimento recíproco, que leva à valorização das riquezas das diferentes tradições” de fé. Esse é o resultado alcançado pelos participantes da conferência inter-religiosa sobre o tema *A fraternidade humana pela paz e harmonia, realizada em Roma*, 22 de outubro. O evento foi motivado pelo 550º aniversário do nascimento de Sri Guru Nanak Dev Ji, fundador do sikhismo, uma religião de origem indiana.

Precisamente no ano em que o Papa Francisco e o Grão Imame de al-Azhar assinaram o Documento Conjunto sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum, os participantes da conferência ouviram e compartilharam experiências pessoais e comunitárias, fazendo memória aos ensinamentos de Sri Guru Nanak, homem de paz e construtor de harmonia social, reformador social e religioso, que viveu em um contexto histórico difícil

para as relações entre os seguidores de diferentes credos.

“Se não nos comprometemos com urgência, o perigo que corremos é enorme e, se não conseguirmos encontrar uma maneira e os meios para construir conscientemente pontes de relações entre os povos, corremos o risco de sermos acusados de acelerar um colossal fracasso da humanidade”, advertiu o cardeal Miguel Ángel Ayuso Guixot, na ocasião.

Nos trabalhos – organizados pela Sikhi Sewa Society na Itália, em colaboração com o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso e o Escritório Nacional para o Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso da Conferência Episcopal Italiana –, pronunciaram-se autoridades civis e institucionais, líderes religiosos, acadêmicos e seguidores de diferentes religiões, que fizeram questão de participar da Audiência Geral com o Papa Francisco na manhã do dia 23, na Praça de São Pedro.

Ao final, foi divulgada uma declaração conjunta, enfatizando que “em uma época como a atual, em que as religiões são cada vez mais usadas como formas de discriminação e conflito”, é necessário reconhecer a fraternidade como um valor comum e, portanto, “terreno de encontro e de diálogo para construir harmonia e paz entre todos os homens e mulheres que compõem a família humana”.

O texto conclusivo faz votos de um esforço concreto e compartilhado “para difundir o espírito de fraternidade” e convida “a fazer aos outros o quanto gostaríamos que a nós fosse feito” e “a não fazer aos outros o quanto não gostaríamos que fizessem a nós”. Na convicção, concluem os signatários do documento, de que “essa será a nossa contribuição para a construção de um mundo mais justo e mais harmonioso onde a paz, verdadeiro dom de Deus, possa reinar no coração de todo homem e de toda mulher”. ■

Fonte: Vatican News



Roberto Jaramillo Bernal, SJ
Presidente da CPAL

“JESUS NÃO VEIO TRAZER A BRISA DA TARDE, MAS O FOGO SOBRE A TERRA” (HOMILIA INAUGURAL DO SÍNODO AMAZÔNICO, PAPA FRANCISCO)

Em 27 de outubro, terminou o Sínodo Especial para a Amazônia. Foram três semanas intensas de diálogo aberto, em clima de fraternidade e profunda responsabilidade com a vida da Igreja, com base nas necessidades concretas do território amazônico. Tanto no plenário do encontro sinodal como nos grupos menores, expressaram-se, com toda a liberdade, posições que, às vezes, eram discordantes, raramente, antagônicas. O texto final, com 120 itens, é o fruto que reflete bem (na linguagem própria do Vaticano) todos os assuntos discutidos.

No entanto, o mais importante do Sínodo, embora esteja refletido nele, não é o texto. O Sínodo começou em janeiro de 2018, em Puerto Maldonado (Peru), e o processo de consulta e de escuta foi tão rico e positivo (em conteúdos e reuniões) que, para muitos, mesmo antes da reunião da assembleia, o Sínodo já havia produzido frutos abundantes. Essa abençoada experiência de “sinodalidade de base” será repetida e multiplicada agora, ao concluir a reunião e, sobretudo, depois que o Papa Francisco fizer sua exortação; de modo que as bênçãos serão triplicadas. Todavia, a riqueza da discussão no plenário e nos grupos menores, e o encontro de tantas

COM ROSTO E CORAÇÃO AMAZÔNICOS

pessoas – a maioria delas atuantes na região amazônica –, sempre acompanhados pela escuta atenta e a inspiração do Papa Francisco, são de valor incalculável.

O Papa, em sua intervenção final, insistiu sabiamente na necessidade de não ficar (permanecer) nas coisas disciplinares (‘eclesiásticas’, ele as chamou) do texto, mas na urgência de discutir e aprofundar os argumentos nele contidos, porque são eles que podem mover a razão e o coração para verdadeiros processos de conversão (pastoral, ecológica, cultural e eclesial/sinodal). Essa é também a dimensão universal (católica) deste sínodo, porque, no caso da casa comum: “se não se converterem, todos perecerão da mesma maneira” (Lc 13,1-9).

É preciso mencionar também que a assembleia sinodal não teria sido tão boa se não fosse por outros dois protagonistas importantes: um dentro e outro fora. O primeiro foi a presença de 55 auditores, homens e mulheres, religiosos e leigos que, com muita coragem, lucidez e pertinência, tomaram a palavra para expressar suas opiniões, especialmente, sobre a participação e o reconhecimento do papel das mulheres na Igreja, sobre a urgência de abandonar o clericalismo generalizado e sobre a necessidade de a Igreja ser verdadeiramente uma aliada das causas dos pobres, particularmente, dos povos indígenas. O ator externo a que me refiro foi uma multidão de pessoas vindas a Roma para animar várias atividades sobre a Amazônia (conferências, diálogos, celebrações, exposições, procissões etc.) e que fizeram com que o mundo todo se inteirasse, de primeira mão, sobre o fogo que arde nas entranhas da Amazônia. A Equipe Itinerante dos Jesuítas da Amazônia desempenhou um papel importante alimentando a sinodalidade.

Foi uma bênção poder participar da assembleia sinodal. Éramos 18 jesuítas, 11 latino-americanos e um grande número de participantes leigos e religiosos, com os quais somos colaboradores na *Missio Dei*. Alguns de nós nos encontramos várias vezes na Cúria Geral, durante o tempo do Sínodo, para celebrar a Eucaristia e orar juntos, bem como para pensar em caminhos abertos para continuar transitando “en-red-dados”, em discernimento e colaboração. ■

50 ANOS DO SECRETARIADO DE JUSTIÇA SOCIAL E ECOLOGIA



Com o lema *Um caminho de justiça e reconciliação: 50 anos e além*, o Secretariado para a Justiça Social e Ecologia celebrou seus 50 anos de existência, entre os dias 4 e 8 de novembro, na Cúria Geral da Companhia de Jesus,

em Roma (Itália). Um momento histórico, que contou com a participação de mais de 200 pessoas, entre jesuítas, especialistas e ativistas, vindas de 62 países.

O encontro teve o objetivo de renovar o compromisso da Companhia com a promoção da justiça e da reconciliação com a Criação, em um mundo cada vez mais complexo. Durante a celebração, o diretor do Secretariado de Justiça Social e Ecologia (SJES), Pe. Xavier Jeyaraj, lembrou o Pe. Pedro Arrupe (então, Superior Geral da Ordem religiosa), que há 50 anos

criou o secretariado, observando que “a nossa espiritualidade não pode ser compreendida sem uma dimensão social”.

O Superior Geral dos jesuítas, Pe. Arturo Sosa, ressaltou que a missão do Secretariado de Justiça Social e Ecologia “não é fazer do social e do ecológico a missão particular de uma parte ou de um grupo especializado da Companhia, mas, sim, promover o compromisso social e ecológico dentro de todo o corpo”. ■

Fontes: sites da Cúria Geral e IHU Unisinos

PROGRAMA DE LIDERANÇA DISCERNIDA

No dia 28 de novembro, o Superior Geral da Companhia de Jesus, Pe. Arturo Sosa, fez um discurso sobre o Programa de Liderança Discernida a um grupo de sacerdotes, religiosos e leigos, na Cúria dos Jesuítas, em Roma (Itália). Na ocasião, ele destacou que discernimento é uma palavra que usamos muito e que está sempre presente nos discursos do Papa Francisco, como que nos convidando a fazê-lo também.

Ao concluir o seu discurso, o Pe. Arturo Sosa lembrou o processo de discernimento das Preferências Apostólicas Universais da Companhia. E, com base

nessa experiência, pediu permissão para, humildemente, oferecer alguns conselhos aos líderes presentes:

- Como líderes, assumam riscos.
- Como líderes, não tenham medo de fracassar.
- Como líderes, confiem em seu povo e no Espírito que nele opera.
- Como líderes, iniciem processos de qualidade.
- Como líderes, experimentem novas metodologias e sejam flexíveis.
- Como líderes, dê a si mesmo espaço para ouvir aquela silenciosa e pequena voz. ■



POR QUE MUDAR A ESTRUTURA PROVINCIAL DA COMPANHIA DE JESUS?

Nos últimos 15 anos, as Províncias da Companhia de Jesus estão passando por um processo de reestruturação, muitas vezes, surgindo novas estruturas multiculturais e multilíngues. Um desses processos é a criação da Província da Europa Central, que agrupará as atuais províncias da Alemanha, Áustria, Suíça e Lituânia. Segundo o Superior Geral, Pe. Arturo Sosa, o foco da reestruturação não é de natureza matemática, de redução do número de jesuítas, ou geográfica, mas a missão da Ordem religiosa.

Quer saber mais? Acesse a entrevista do Pe. Arturo Sosa via QR Code:



JUNTOS, PODEMOS FAZER MUITO MAIS



manente de engajamento de jesuítas e colaboradores da Província do Brasil e que, em 2019, tem como ápice a mobilização em apoio às atividades da Fundação Fé e Alegria. Fundada no País em 1981, hoje, a instituição beneficia mais de 9 mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos, por meio de ações de Educação e Promoção Social. Presente em 14 estados brasileiros, com 24 unidades, seu compromisso é com a dimensão da superação do abismo da desigualdade.

Pe. José María Vélaz, idealizador da Fundação Fé e Alegria, dizia que o trabalho do movimento começa onde termina o asfalto. Foi assim que, em 1955, em um bairro sem escolas de Caracas (Venezuela), surgiu o movimento. Em menos de dez anos, Fé e Alegria passou a atender cerca de 10 mil crianças e jovens no país. Em 1964, tornou-se compromisso da Companhia de Jesus e passou a ser levado a outros países. Hoje, Fé e Alegria está presente em 22 países, entre eles, o Brasil. ■

A campanha SOMOS UM foi lançada durante o I Encontro da Província, realizado no Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba (SP), no final de julho, quando cerca de 350 participantes, jesuítas e leigos, refletiram a missão da Companhia de Jesus como Corpo Apostólico.

Em consonância ao espírito de um Corpo Apostólico único, a campanha tem o propósito de fortalecer ainda mais quem somos e o que fazemos. Assim, o intuito é mobilizar e engajar os mais de 450 jesuítas e 8 mil colaboradores em prol das causas que defende-

mos, tendo como marco orientador as Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus:

- Mostrar o caminho para Deus por meio dos Exercícios Espirituais e do discernimento.
- Caminhar com os pobres, os descartados do mundo, os vulneráveis em sua dignidade, em uma missão de reconciliação e justiça.
- Acompanhar os jovens na criação de um futuro promissor.
- Colaborar no cuidado da Casa Comum.

SOMOS UM é uma iniciativa per-

“ FÉ E ALEGRIA BENEFICIA MAIS DE 9 MIL PESSOAS, ENTRE CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS, POR MEIO DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO SOCIAL”

EXPERIÊNCIA, VIVÊNCIA E ANÚNCIO DO EVANGELHO NO CUIDADO DA CASA COMUM

PEDIDOS DO SÍNODO

O Sínodo propõe algumas ações no nível da Igreja, da sociedade e dos estados. Assessor das pastorais sociais da Arquidiocese de Santarém (PA) e com 23 anos de vida missionária na Amazônia Brasileira, o padre jesuíta Guillermo Cardona Grisales, que participou do encontro como auditor, destaca algumas dessas proposições:

Da Igreja, pede mudanças que criem inclusão eclesial e, assim, possam contribuir na criação de outra consciência cristã e cidadã:

- uma aliança com os povos indígenas para defender seus direitos e promover seu estilo de vida;
- a valorização das culturas indígenas, incluídas suas línguas para desenvolver uma evangelização inculturada e intercultural que valorize, respeite e inclua os povos indígenas e as comunidades tradicionais e promova uma educação diferenciada;
- uma profunda conversão pessoal, social e estrutural, na qual a Igreja está incluída no apelo de desaprender, aprender e reaprender, a fim de superar qualquer tendência a modelos colonizadores, que causaram tantos danos no passado e continuam causando mal no presente;
- um caminhar com os povos, sem impor um modelo particular de ser, um modelo específico de desenvolvimento, que pouco tem a ver com as culturas, tradições e espiritualidade dos povos originários;

- a promoção da saúde ancestral própria de cada cultura e o oferecimento de serviços de saúde onde a assistência do Estado não chega;
- a promoção da educação bilíngue e diferenciada;
- uma pastoral indígena nas cidades amazônicas;
- um serviço de acolhida na cidade à variedade de grupos de migrantes;
- ministérios especiais para o cuidado da Casa Comum e a promoção da ecologia integral, para o cuidado do território e das águas e a promoção da encíclica Laudato Si' em todos os níveis e estruturas da Igreja.

À sociedade e aos Estados, pede:

- que os Estados desenvolvam políticas de investimento na Amazônia que procurem altos padrões sociais e ambientais e o princípio fundamental da preservação dela;
- que pensem sob novo paradigma do desenvolvimento sustentável, socialmente inclusivo, que tenha presente os conhecimentos tradicionais e as próprias capacidades dos povos indígenas e as comunidades tradicionais;
- que o Estado proteja até os Povos Indígenas em Isolamento Voluntário;
- que a comunidade internacional favoreça e reconheça o papel central do bioma amazônico para o equilíbrio no planeta e destine novos recursos econômicos para a sua proteção e promoção e um modelo de desenvolvimento justo e solidário no qual as comunidades sejam protagonistas, disponha recursos para isso e, assim, repare-se a dívida ecológica que os países têm com a Amazônia.

vadas já contêm orientações fundamentais para nos colocar a construir novos caminhos, com base em uma conversão integral que nasce de uma profunda experiência do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. Dessa conversão fundante, nascem as outras conversões que retomam o documento: conversão ecológica integral, conversão social e cultural, conversão sinodal e a conversão pastoral”.

Sobre o documento final, ele também nos explica que, “para o seu funcionamento, propõe a criação de um corpo eclesial vinculado ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e com o apoio da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), composto por bispos, padres, religiosos, leigos e leigas, para ajudar a efetivar o horizonte que delineamos – apoiado pela comis-

são de monitoramento sinodal que foi nomeada por todos os padres sinodais e que representa os bispos dos nove países da Amazônia”.

Citando o texto, Pe. Guillermo afirma que “a doutrina social da Igreja sai não só fortalecida, mas também com uma indicação de redefinição e enriquecimento ‘com uma visão mais de conjunto que abarca a relação entre os povos amazônicos e seus territórios, sempre em diálogo com seus conhecimentos e sabedorias ancestrais...’ (79). [...] agora, se sugere no Sínodo que se enriqueça com a compreensão e sabedoria dos povos amazônicos do ‘bem viver’, donde o território, a vida, a produção e o conjunto de relações, incluída a relação com as realidades espirituais, estão articulados numa experiência vital, que também é cosmovisão celebrada”.

Pe. Aloir Pacini encara o momento com esperança: “Vejo que as Igrejas na Amazônia estarão mais articuladas em rede, a partir de agora, e mais solidárias também, com uma percepção de que não podem ficar isoladas, precisam estar associadas com as pessoas dos grandes centros urbanos”.

Como reflexo do horizonte que se apresenta, Pe. Vanildo entende que a “Igreja precisa agora seguir em frente, assumindo sua presença junto às pessoas que são ameaçadas pelo poder do dinheiro. [...] Tenho consciência de que o Sínodo não é um tecido acabado. Agora, cabe a todos nós seguirmos tecendo e não deixá-lo como algo no meio caminho e sem forma. A palavra conversão, tantas vezes repetida no documento final do Sínodo, constitui um forte apelo para uma mudança de mentalidade em vários níveis: pastoral, cultural, ecológico e sinodal”. ■

Padre Vanildo Pereira, Superior do Núcleo Apostólico Manaus da Província dos Jesuítas do Brasil, membro da Pastoral Indígena e assessor jurídico no Conselho Indigenista Missionário (CIMI), considerou muito significativo o fato de o documento ter sido construído pelo diálogo feito com as bases, “de baixo para cima”. “Os quatro Núcleos Apostólicos que compõem a Preferência Apostólica Amazônica de nossa Província colaboraram desde o princípio neste caminho sinodal. Ao todo, cerca de 87 mil pessoas, entre indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras e demais comunidades amazônicas, foram consultadas para que a Igreja refletisse sobre quais caminhos seguir”, contou o jesuíta.

Para ele, “somos convocados a olhar com cuidado de pastor, principalmente, aqueles lugares onde os povos são ameaçados pela ambição, pelo poder econômico que deseja tomar os territórios em vista do lucro e do dinheiro.

PÓS-SÍNODO

“Agora é o momento do ‘agir’, após termos passado pelos momentos do ‘ver’ e do ‘julgar’. [...] Vamos esperar, então, as orientações que Francisco dará a todos os católicos, que certamente serão bem aproveitadas por outras igrejas, religiões, governos e pessoas de boa vontade, em geral”, diz Pe. Adelson Araújo dos Santos. “Do ponto de vista mais interno e eclesial, o que se espera é que toda essa iniciativa do Sínodo provoque o fortalecimento da criação de uma Igreja com o rosto amazônico, com formação mais inculturada, fomento de mais vocações missionárias e autóctones para a região, fortalecimento ministerial dos leigos e das mulheres que já exercem a liderança em muitas comunidades etc.”, conclui.

Padre Alfredo Ferro entende as iniciativas, tanto do Sínodo quanto do Pós-

-Sínodo, como um processo, não como uma solução encerrada. O jesuíta também ressalta a importância de valorizar a caminhada que gerou as discussões, as proposições e os frutos: “não podemos nos concentrar apenas no documento final, como se esse fosse o único resultado do Sínodo. Antes de tudo, temos que entender o Sínodo como um processo iniciado há mais de dois anos, data em que o Papa Francisco convocou oficialmente o Sínodo para a Amazônia”. Ele complementa: “Entendo o Pós-Sínodo, novamente, como um processo. Já temos o horizonte e os grandes temas, questões ou reflexões que puderam ser discutidos no Salão do Sínodo e que aparecem no documento final, embora aguardemos a exortação apostólica do Papa, que devemos aprofundar”.

Já existem proposições que orientam algumas ações, sobre as quais fala Pe. Guillermo: “As propostas apro-

TEMAS TRATADOS

Durante o Sínodo, conquistas e caminhadas anteriores não foram desconsideradas. Ao contrário, foram citadas, continuadas e impulsionadas. Padre Alfredo Ferro, coordenador do Serviço Jesuíta para a Panamazônia (SJPAM) participou do Sínodo e nos conta que “a *Laudato Si’* foi citada em várias ocasiões durante todo o Sínodo, na presença do Papa. Muitos agradeceram e fizeram referência a ela, devido à importância

que esse texto teve para a Igreja”. O jesuíta entende que a carta encíclica nos “sacode” em relação aos desafios socioambientais que precisamos enfrentar, e que, em meio às crises existentes, nos mostra a necessidade de viver uma espiritualidade ecológica e de rejeitar um sistema que “caça e mata”.

Padre Alfredo relata que uma das discussões diz respeito ao conceito teológico da inculturação: “[...] a questão de uma posição colonialista – que pode continuar presente e que devemos ter cuidado para

não reproduzir – foi uma das questões do Sínodo. Portanto, devemos lutar contra toda mentalidade colonialista, que pode afetar profundamente a lógica e a mentalidade de uma ou de diversas culturas que têm outras visões de mundo, pensamentos ou práticas muito diferentes [...]. Por esse motivo, a questão da inculturação, ou do diálogo intercultural, que tem muito a ver com abordagens ou práticas tradicionais de evangelização, foi muito discutida, especialmente, nos pequenos círculos do Sínodo”.

O SÍNODO

Entre os dias 6 e 27 de outubro, a Igreja Católica realizou em Roma, na Itália, o Sínodo dos Bispos para a Amazônia. Com o lema *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e uma ecologia integral*, o evento abordou, na sincera escuta evangélica dos gritos da terra e dos povos amazônicos, as invasões de territórios dos povos originários, a extração e a mineração predatórias, os problemas do desmatamento e da grilagem, além da violência sofrida pelas populações que habitam a Floresta Amazônica. As questões teológicas e pastorais que envolvem o território foram o principal foco das discussões, mas o Sínodo tratou também sobre questões mais amplas a respeito do futuro da Igreja no mundo.

A preocupação com a chamada Casa Comum, presente também nas Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus, está manifestada em diversos momentos na história da Igreja, para além do Sínodo. “[...] já o Papa São Paulo VI, em 1972, afirmava aos bispos da região que ‘Cristo aponta para a

Amazônia’. Por sua vez, o também santo Papa João Paulo II, nas duas vezes que visitou o Brasil, em 1980 e em 1991, fez questão de encontrar-se com lideranças indígenas da Amazônia, dizendo a elas que ‘a Igreja, queridos irmãos índios, tem estado e continuará a estar sempre a seu lado, para defender a dignidade de seres humanos, para defender o direito a ter uma vida própria e tranquila, no respeito aos valores positivos das suas tradições, costumes e culturas’. Da mesma forma, o Papa Bento XVI, ao visitar o Brasil em 2007, no encontro que teve com os jovens no estádio do Pacaembu, em São Paulo, citando o hino nacional brasileiro, lhes recordou: ‘Nossos bosques têm mais vida! Não deixeis que se apague esta chama de esperança que o vosso hino nacional põe em vossos lábios. A devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de suas populações requerem um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação que a sociedade vem solicitando’”, lembrou Pe. Adelson Araújo dos Santos, professor na Pontifícia Università Gregoriana em Roma (Itália), nascido

no Amazonas e único jesuíta brasileiro a participar do Sínodo como perito.

É importante ressaltar que o Papa Francisco, já em sua homilia da missa inaugural de seu pontificado, demonstrou essa preocupação ao citar o exemplo de São Francisco de Assis, de respeito a todas as criaturas de Deus e os ambientes em que vivem. Em 2015, o Pontífice escreveu a carta encíclica *Laudato Si’*, destinada inteiramente à ecologia integral, fazendo críticas à devastação ambiental, ao desenvolvimento predatório e ao abandono dos mais pobres pelo Estado.

Em 15 de outubro de 2017, atendendo também aos pedidos dos bispos, o Papa Francisco convocou o Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Para isso, consultou e ouviu o parecer não só de religiosos para saber sobre a atuação da Igreja na Amazônia, mas também os depoimentos das populações locais. As informações recolhidas originaram o texto mártir, ou *Instrumentum laboris*, que ajudou a preparação e guiou algumas das discussões pautadas.



A ESCUTA DOS POVOS AMAZÔNICOS

Durante todas as fases de preparação, desde o Pré-Sínodo, a Igreja buscou uma postura sinodal ao valorizar diferentes vivências, estando aberta a novos aprendizados. Por essa razão, aconteceram, então, escutas nos vários países que compõem a região da Pan-Amazônia.

Em uma de suas intervenções no encontro, o Papa Francisco incentivou a pluralidade movido pelo Evangelho, opondo-se às tentativas de uniformização que destroem a sociedade. “O fogo tocado pelos interesses que destrói, como o que recentemente devastou a Amazônia, não é o fogo do Evangelho. A chama de Deus é o calor que atrai e produz unidade, é alimentada pelo compartilhamento, não por lucros. O fogo que destrói, por outro lado, acende quando as pessoas querem promover apenas suas ideias, formar seu próprio grupo, eliminar as diferenças na tentativa de tornar tudo e todos uniformes”, explicou o Papa.

Em relação ao Sínodo, o Pontífice explicou que “o objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno. Também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta”.

“O Sínodo para a Amazônia tem sido e está sendo um caminhar juntos. Desde o encontro do Papa Francisco com os povos indígenas em Porto Maldonado (Peru), o Papa colocou a importância da escuta dos povos, sabendo que são eles os interlocutores principais, aqueles que moram no território e quem, na sua própria pele, pode transmitir o que

lhes acontece, as ameaças, os desafios e as necessidades próprias”, declara Maria Del Mar Bosch, membro da Equipe Itinerante – que reuniu 25 pessoas no mês de outubro para aprender e trabalhar durante o Sínodo para a Amazônia.

Marita, como é também conhecida, conta que, em seu trabalho, escutou relatos de que “graças à sensibilidade do



“MENCIONEMOS, POR EXEMPLO, OS PULMÕES DO PLANETA REPLETOS DE BIODIVERSIDADE QUE SÃO A AMAZÔNIA E A BACIA FLUVIAL DO CONGO, OU OS GRANDES LENÇÓIS FREÁTICOS E OS GLACIARES. A IMPORTÂNCIA DESSES LUGARES PARA O CONJUNTO DO PLANETA E PARA O FUTURO DA HUMANIDADE NÃO SE PODE IGNORAR. OS ECOSISTEMAS DAS FLORESTAS TROPICAIS SÃO COMPOSTOS DE UMA BIODIVERSIDADE DE ENORME COMPLEXIDADE, QUASE IMPOSSÍVEL DE CONHECER COMPLETAMENTE, MAS, QUANDO ESSAS FLORESTAS SÃO QUEIMADAS OU DERRUBADAS PARA DESENVOLVER CULTIVOS, EM POUCOS ANOS PERDEM-SE INÚMERAS ESPÉCIES, OU TAIS ÁREAS TRANSFORMAM-SE EM ÁRIDOS DESERTOS”.

Papa Francisco, *Laudato Si'*, nº 38

DEPOIMENTOS

É muito importante a gente tratar da preservação do meio ambiente e do mundo. Então, aqui está um alerta muito grande para o povo, para que, realmente, a gente venha a fazer a preservação, todo mundo junto, e construir um mundo melhor”, disse o indígena Tapi Yawalapiti, da comunidade Yawalapiti do Xingu (MT), sobre o Sínodo da Amazônia.

Fonte: Vatican News

Trazemos alternativas de desenvolver e cuidar da mãe terra, sem pôr abaixo as florestas. Temos muito a ensinar à sociedade. Isso porque nós da Amazônia sentimos a dor, sobretudo, nós, mulheres, sentimos porque nós damos a vida. [...] Mostramos caminhos porque, quando atropelam a água, sentimos no ventre materno. Quando envenenam a terra, sentimos na pele. A Terra é o rosto da mulher amazônica. E, como mulher amazônica, como mãe, como filha e neta, eu falo em meio de mais de 180 avós que estão neste Sínodo. Contudo, eu venho pelos meus avós e avós, porque sei de onde venho. Nosso conhecimento não é vazio, tem história e, com os ancestrais, apontamos caminhos”, disse a indígena Anitalia Pijachi, do povo Okaina – Oitoto, de Letícia (Colômbia).

Fonte: Conselho Indigenista Missionário (CIMI)

Hoje, somos ouvidos e trazemos alternativas ao mundo. Nosso modo de nos relacionarmos não torna a terra como um objeto de negócio, mas como uma mãe que nos dá a sustentabilidade”, lembra Ernestina Makuxi, da etnia Makuxi, de Roraima

Fonte: Conselho Indigenista Missionário (CIMI)

Papa, os povos indígenas – que, até agora, têm sido esquecidos e maltratados – foram escutados no Sínodo. Eles têm podido colocar as suas esperanças e demandas, partindo da sua realidade”. Suas impressões da experiência vivenciada foi a de que o evento proporcionou, dentro e fora de sua programação oficial, “um diálogo com a diversidade de povos, com momentos de espiritualidade, animação missionária, mesas redondas, apresentações sobre a realidade dos povos, dos mártires na Amazônia”, além da criação de redes potentes.

Pe. Aloir Pacini, jesuíta que trabalha na Pastoral Indígena, esteve em Roma participando na tenda da Casa Comum e de várias atividades simultâneas ao período do Sínodo. Ele compartilhou o que aprendeu com os povos tradicionais: “A complexidade dos mundos indígenas e sua diversidade são belas e ‘divinas’, pois vêm da criatividade do sopro do Espírito que podemos aprofundar agora. O sentido indígena de comunidade não abrange somente os seres humanos, mas todos estamos entranhados no viver e no pensar, o “nós” está acima do ‘eu”, conta o jesuíta. Segundo ele, partindo desse raciocínio, “o bem viver só é possível de forma comunitária, envolvendo a terra-mãe de todos. Essa é uma relação visceral que é poderosa, e, por isso, dizem os indígenas, que maltratar a terra, o ar, a água, as florestas e montanhas ou os filhos da terra gera uma reação imediata pois a vida tende a restabelecer o equilíbrio”.

Na visão de padre Aloir, os indígenas percebem a Igreja Católica como uma grande aliada nesse momento de desmonte da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e de fazendeiros que, pela influência econômica e política que possuem, sentem que têm uma espécie de poder que está acima das leis e dos processos democráticos.